



## ARTIGOS

### Segregacionismo e transposição espacial em *As mulheres do imperador*, de Ungulani Ba Ka Khosa

*Segregationism and spatial transposition in Ungulani Ba Ka Khosa's As mulheres do imperador*

*Segregacionismo y transposición espacial en As mulheres do imperador, de Ungulani Ba Ka Khosa*

**Mauro Cavaliere<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-4618-7718](https://orcid.org/0000-0002-4618-7718)  
[mauro.cavaliere@uniroma3.it](mailto:mauro.cavaliere@uniroma3.it)

**Recebido em:** 30 jun. 2025.

**Aprovado em:** 15 jun. 2025.

**Publicado em:** 10 dez. 2025.

**Resumo:** A atual capital de Moçambique, Maputo, foi fundada no século XVI por dois exploradores portugueses, tendo recebido o nome de um deles, Lourenço Marques, e adquirindo o nome atual em março de 1976. Em realidade, ao longo dos séculos, a "cidade" foi um simples entreposto comercial, ganhando importância apenas na segunda metade do século XIX e substituindo a Ilha de Moçambique como capital da colônia apenas em 1898. É, portanto, só a partir deste período que assume a forma que a caracteriza até os nossos dias. Este trabalho visa estudar a forma como a cidade é representada no romance *As mulheres do imperador* (2017) de Ungulani Ba Ka Khosa. A abordagem baseia-se nas técnicas de representação do espaço urbano e suburbano a partir de noções como topografia e pragmatografia. No entanto, integrando-se a categoria narratológica de espaço com outras como personagem, narração e focalização, também será analisada a configuração de algumas das personagens do romance na sua relação com a representação espacial.

**Palavras-chave:** *As mulheres do imperador*; Ungulani Ba Ka Khosa; espaço; Moçambique; romance histórico.

**Abstract:** The current capital of Mozambique, Maputo, was founded in the 16th century by two Portuguese explorers. Named after one of them, Lourenço Marques, acquired its current name in March 1976. In reality, over the centuries, the "city" was a simple trading post, only gaining importance in the second half of the 19th century and only replacing Ilha de Moçambique as the colony's capital in 1898. It was therefore only after this period that it took on the form that characterizes it to this day. This article aims to study how the city is represented in the novel *As mulheres do imperador* (2017) by Ungulani Ba Ka Khosa. The approach is based on techniques of representation of urban and suburban space based on notions such as topography and pragmatography. However, by integrating the narratological category of space with others such as character, narration and focalization, the configuration of some of the novel's characters in their relationship with spatial representation will also be analyzed.

**Keywords:** *As mulheres do imperador*; Ungulani Ba Ka Khosa; space; Mozambique; historical novel.

**Resumen:** La actual capital de Mozambique, Maputo, fue fundada en el siglo XVI por dos exploradores portugueses, tomando el nombre de uno de ellos, Lourenço Marques, y adquiriendo su nombre actual en marzo de 1976. En realidad, a lo largo de los siglos, la "ciudad" fue un simple puesto comercial, que sólo cobró importancia en la segunda mitad del siglo XIX sustituyendo la Ilha de Moçambique como capital de la colonia en 1898. Por lo tanto, sólo después de este período adquirió la forma que la caracteriza hasta hoy. En este trabajo tiene como objetivo estudiar cómo se representa la ciudad en la novela *As mulheres do imperador* (2017) de Ungulani Ba Ka Khosa. El enfoque se basa en las técnicas



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Università Roma Tre, Roma, Itália.

de representação del espacio urbano y suburbano a partir de nociones como topografía y pragmatografía. Sin embargo, al integrar la categoría narratológica de espacio con otras como personaje, narración y focalización, se analizará también la configuración de algunos personajes de la novela en su relación con la representación espacial.

**Palabras clave:** *As mulheres do imperador*; Ungulani Ba Ka Khosa; espacio; Mozambique; novela histórica.

## 1 Aspectos preliminares

A atual capital de Moçambique, Maputo, foi fundada no século XVI por dois exploradores portugueses. Foi batizada em homenagem a um deles, Lourenço Marques, e adquiriu seu nome atual em março de 1976. Na realidade, ao longo dos séculos, a "cidade" foi um simples posto avançado de comércio que só ganhou importância na segunda metade do século XIX, substituindo a Ilha de Moçambique como capital da colônia apenas em 1898. Portanto, foi somente após esse período que a cidade começou a assumir a forma que ainda hoje a caracteriza.

Neste artigo, pretendo analisar como a cidade é retratada em um romance de Ungulani Ba Ka Khosa, *As mulheres do imperador* (2018). Como já foi apontado (Alves; Braun, 2021), o tema principal do romance, em seu tratamento da cidade, é a evidente estrutura segregacionista, uma tese com que só se pode concordar. No entanto, por mais que o espaço como categoria semiótica desempenhe um papel central no texto de Khosa, ele também deve ser considerado em seu aspecto dinâmico.

Com o foco na cidade, a noção de espaço também será central neste estudo; no entanto, como esse signo entra em uma relação complexa com outros signos, tanto os da história quanto os do discurso, eles também desempenharão um papel relevante na análise. Além disso, ao abordar a noção de espaço em sua integração com a noção de tempo e caráter, bem como a de ponto de vista, os conceitos de "transposição espacial" e "cronótopo" serão relevantes no desenvolvimento da análise.

A atenção dada à categoria de espaço nos

estudos literários nas últimas décadas levou ao chamado *spatial turn* (doravante ST). No entanto, como foi corretamente observado por Juvan (2015, p. 3), a proliferação interdisciplinar do ST pode ser interpretada criticamente como uma estratégia retórica de sobrevivência do pós-modernismo e o contexto dessa estratégia seria aquele em que "as ciências humanas tentam atender à demanda por produtos sempre novos no mercado intelectual, marcando seu discurso com sucessivas 'viradas'" (Juvan, 2015, p. 3). O próprio Juvan, de fato, reitera o ponto ao argumentar que, no campo dos estudos literários, o ST não implicou, como se alega, uma verdadeira mudança de paradigma, uma vez que se trata de uma reelaboração de teorias que já haviam sido formuladas algumas décadas (Juvan, 2015, p. 4).

De fato, se repararmos bem, a narratologia, muito acusada de "cronocentrismo", sofreu uma evolução desde os seus primórdios (Meister, 2009, p. 330-331), a ponto de Ryan (2009), em uma prestigiosa antologia dedicada a essa disciplina, dedicar um capítulo inteiro ao espaço. Por outro lado, nos anos em que os estruturalistas franceses estavam se dedicando ao desenvolvimento da narratologia, no campo da semiótica literária, tanto Lotman quanto Uspensky<sup>2</sup> reservaram muita atenção ao espaço em seus estudos, elaborando teorias e enfatizando sua importância.

De particular importância na análise foi a noção de "cultura", conforme entendida por Lotman, uma vez que ela está intimamente interconectada com a noção de "espaço". Para o semiólogo russo, o modelo do mundo constituído por cada cultura traça uma fronteira entre dois espaços configurados como interno e externo. A fronteira pode ser mais ou menos impenetrável ou mais ou menos permeável. Nesse sentido, a proposta de Lotman parece ser particularmente frutífera na análise das lacerações e dos conflitos criados pelo colonialismo europeu e, em reação, pela descolonização, uma vez que, na literatura que os representa, a segregação é ao mesmo tempo espacial, cultural, étnica e social. Além disso, essa

<sup>2</sup> Esses são Lotman (1972), Lotman e Uspensky (1975). É claro que também deve ser mencionado o famoso conceito de "cronótopo" introduzido por Bakhtin há muitas décadas e que teve uma difusão no mundo ocidental apenas na década de 1970 (Bakhtin, 1979).

representação é normalmente dominada por um conflito entre pontos de vista, o que, em termos narratológicos, corresponde a um fenômeno de focalização. A noção lotmaniana de “transposição” também é de particular relevância, uma vez que o evento em si, no nível da ação, é dado precisamente por uma mudança no campo semântico:

*In un testo, l'avvenimento è il movimento del personaggio attraverso il campo semantico. Ne consegue che nessuna descrizione di un evento o di un'azione nella sua relazione con il referente reale può essere definita come evento o non-evento prima che sia risolta la questione della sua collocazione nel campo semantico strutturale secondario, determinata dal tipo di cultura* (Lotman, 1972, p. 285-286).

Sem dúvida, ao transitar entre o espaço europeu e o africano, o texto de Ungulani Ba Ka Khosa é particularmente suscetível a esse tipo de abordagem. Deve-se considerar também que, em geral, as transposições podem ser de diferentes tipos, sendo o resultado de coerção (prisão, escravidão, trabalho forçado), ligadas à necessidade ou conveniência econômica (ou afetiva) e, finalmente, de um tipo “existencial”, por assim dizer, ou seja, ligadas a uma espécie de exercício de livre-arbítrio por parte do personagem. Estas últimas me parecem ser mais marcadas em um sentido ideológico.

Em última análise, o conceito de “espaço”, nas abordagens teóricas mais vanguardistas dos anos 1960-1980, não é um grande ausente<sup>3</sup>, tanto é assim que, em seu *Dicionário de Narratologia*, Reis e Lopes (1998, p. 140), no item “Espaço”, ilustram várias teorias sobre o conceito em poucas mas esclarecedoras páginas, citando, por sinal, uma

bibliografia de 14 títulos<sup>4</sup> que vão de 1967 a 1988<sup>5</sup>.

## 2 Análise

A ação de *As mulheres do imperador* se passa em um espaço topográfico extremamente amplo e variado. No entanto, limitar-me-ei a considerar apenas o espaço urbano de Lourenço Marques e, além disso, conduzirei minha análise privilegiando a visão (e a experiência) espacial da cidade, partindo sobretudo de dois personagens que se opõem por pertencerem a dois mundos distantes e irreconciliáveis: o Governador da Província de Moçambique, Azevedo e Silva; e Namatuco, uma das quatro esposas de Gungunhana (de um total de sete), a qual retornou a Moçambique após quinze anos de exílio.

### 2.1 Governador José Francisco de Azevedo e Silva

Defensor dos ideais republicanos e positivistas, Azevedo e Silva exerceu a função de Alto Comissário da Província de Moçambique por apenas um ano (1911-1912), antes de retornar a Portugal e ser nomeado Procurador-Geral da República. A motivação para sua nomeação como Governador é um tanto contraditória (“perante a grave situação criada pelas manifestações excessivas de suposto republicanismo ocorridas em Moçambique, foi escolhido, enquanto individualidade categorizada, de sólidas tradições republicanas”<sup>6</sup>) e parece indicar que somente aqueles que pudessem exibir um sólido *pedigree* republicano seriam capazes de lidar com as manifestações de radicalismo mencionadas. Seja como for, os detalhes da biográficos daquele que é referido no romance como “Governador” (e não “Alto-Co-

<sup>3</sup> Deve-se acrescentar, no entanto, que os efeitos do ST têm estimulado novos e interessantes estudos dessa categoria. Com relação à categoria espaço na literatura moçambicana, não se pode deixar de mencionar Francisco Noa (2019), cujo mérito, entre outros, é o de nos revelar uma produção massiva e quase desconhecida até a altura da literatura colonial moçambicana analisada a partir da noção de “espaço”. Outros estudos orientados para o ST incluem o de Brugioni (2019) e Can (2020).

<sup>4</sup> Entre esses estudos, o de Zoran (1984) certamente deve ser mencionado por dois motivos essenciais: o primeiro é que o autor formula uma proposta complexa e articulada para a análise do espaço em textos narrativos; e o segundo é que Zoran enfatiza a interdependência do espaço-tempo ao retrabalhar a ideia de cronótopo de Bakhtin (1979) (um tanto genérica em sua formulação original). O modelo proposto por Zoran (1984, p. 315 *et seq.*) é articulado de forma tripartida, distribuindo-se em um espaço estático, denominado topográfico, que se integra, por meio do curso temporal inerente a cada narrativa, ao cronotópico e, finalmente, a outro nível, o do significant: o espaço textual.

<sup>5</sup> Como apontam Reis e Lopes (1998, p. 135), o espaço faz parte do domínio da *história* e, como tal, é uma das seis categorias que regem a análise semiótica, dividida nas esferas da *história* (personagem, ação e, justamente, o espaço) e do discurso (narração, tempo e focalização). Além disso, deve-se observar como, uma vez que a interação desses seis signos é constante e inerente a todo dispositivo narrativo, o signo do espaço também entra em uma inter-relação significativa com os outros cinco, nesse caso, com o do personagem e da focalização (Reis; Lopes, 1998, p. 136-137). Pretendo me ater a essa estrutura operacional, enriquecida por outras contribuições, em minha análise.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.ministeriopublico.pt/timeline/jose-francisco-de-azevedo-e-silva-1912-1929>. Acesso em: 12 set. 2025.

missário") são de pouca importância, uma vez que o personagem, um militante da primeira hora do Partido Republicano, parece bem adequado para encarnar uma visão de mundo particularmente ligada aos ideais do positivismo. Tendo ocupado o cargo por tão pouco tempo, Azevedo e Silva não poderia ter uma influência particularmente significativa sobre os eventos que moldaram a "província". Na verdade, Khosa parece usá-lo, mais do que qualquer outra coisa, como um personagem sinédoque de uma tipologia conhecida por ser muito difundida entre a elite portuguesa (e, de modo mais geral, europeia) da época.

Mas o mais importante aqui é sua visão da cidade, que, a princípio, é observada de uma perspectiva fixa, ou seja, da varanda do Palácio do Governo e, mais tarde, de um ponto de vista móvel, correspondente a uma de suas viagens de carro<sup>7</sup>.

De um ponto de vista pragmatográfico, vale a pena mencionar a magnificência do gabinete do Governador, mesmo que apenas por razões de contraste com outras residências descritas a seguir:

[...] o ar solene do gabinete, as cortinas de veludo em tom bege e rosa e azul-turquesa, as cadeiras e secretárias e mesas feitas com âmbar e madeira fina da Índia Portuguesa. Os **lustres** em cristal bacará e bronze, ou em bronze e alabastro, a reluzirem pelos tetos altos e profundos [...] Azevedo e Silva já não se incomodava com o fausto da monarquia perdida<sup>8</sup> (Khosa, 2018, p. 103).

Em serviço há apenas 45 dias, Azevedo e Silva acaba de receber a notícia da chegada das viúvas de Gungunhana e Zilhalha. Seu desinteresse sobre a chegada e o destino delas é expresso em uma avaliação que tem um sabor político,

além de ser bastante oportunista e, como era de esperar, marcada por uma dose usual de racismo: "Que se arranjam. As pretas não têm a dignidade de chover. Aliás, faz quase um ano que instauramos a República. Nada lhes devemos" (Khosa, 2018, p. 104).

A indiferença das autoridades em relação aos ex-consortes do imperador de Gaza, aliás, é a mesma indiferença de Azevedo e Silva em relação aos ferroviários, pois, no discurso do narrador heterodiegético, o Governador não se importa "dos pretos que se acidentavam às dezenas" (Khosa, 2018, p. 104).

O que preocupa Azevedo e Silva, na verdade, são outras questões: em primeiro lugar, o andamento da construção da ferrovia, que o induz a sair de sua residência e dar uma volta pela cidade, acompanhado de um motorista africano de nome sugestivo, Américo Matola<sup>9</sup>.

No entanto, antes de acompanhá-los nessa interessante jornada, vale a pena destacar, o palácio<sup>10</sup> de onde Azevedo e Silva observa a cidade não é outro senão o Palácio de Ponta Vermelha, atual residência do Presidente de Moçambique e, desde o final do século XIX, residência de Governadores e Altos-Comissários: um lugar de poder, portanto, ontem como hoje. Segue-se que aqui os dados espaciais e descritivos se cruzam com os temporais em uma interessante relação cronotópica, particularmente significativa em vista das implicações pragmáticas, ou seja, a recepção da obra. A recepção local, pelo menos, já que, para um leitor moçambicano atento, é quase automático estabelecer um vínculo entre o poder de então e o de agora<sup>11</sup>.

Além de outras considerações interessantes

<sup>7</sup> Nesse sentido, a distinção feita por Marie-Laure Ryan entre o espaço estático, ao qual a acadêmica suíça se refere como a estratégia narrativa do "mapa", e o espaço dinâmico, constituído pela estratégia do "tour", pode ser útil. Nessa dinâmica, o ponto de vista distante (o ponto de vista "divino" da focalização zero) seria alternado com o ponto de vista móvel próximo aos personagens (Ryan, 2009, p. 427). De certa forma, mas aqui eu assumo a responsabilidade pela comparação, o primeiro, correspondente à descrição pragmática, poderia ser comparado ao Google Maps, e o segundo, correspondente à descrição topográfica, ao Google Street. Para obter uma definição de descrição topográfica e pragmatográfica, remeto a Platas Tasende (2004, p. 208, item "descripción").

<sup>8</sup> Quando não indicado de outra forma, as palavras ou frases em negrito são de minha responsabilidade, tanto no texto principal quanto nas notas.

<sup>9</sup> O capítulo 2 é uma exibição de novidades tecnológicas. Além da primeira viagem de carro, temos a inspeção das obras ferroviárias e, por fim, a descrição da operação da linha de bonde. Matola é hoje um dos municípios mais populosos da área suburbana de Maputo.

<sup>10</sup> Pode ser interessante dar uma olhada nas fotografias publicadas neste site: <https://delagoabayworld.wordpress.com/category/lugares/lm-palacio-da-ponta-vermelha/>.

<sup>11</sup> Essa é, de fato, uma possibilidade prevista por Zoran, que aborda a construção espacial dessa forma, distinguindo um campo interno de referências espaciais e um externo, sendo este último dominante no que Zoran chama de "espaço total": "[...] in total space the external

dedicadas à odonímia<sup>12</sup>, a excursão de carro oferece um exemplo notável de segregação espacial, que, como apontam Alves e Braun (2021), é uma das isotopias textuais do romance: “Proibidos de andar pelos passeios reservados aos brancos, os pretos iam evitando os poucos carros que transitavam pela avenida que tinha o elétrico como meio de transporte mais regular” (Khosa, 2018, p. 105).

Com essa imagem, que evoca a nazificação de grande parte da Europa Oriental, a citação pretende destacar a segregação espacial já manifestada no centro da cidade, ou “cimento”<sup>13</sup>. No entanto, um terceiro elemento, além do trem e do carro, simboliza a modernização do transporte: o bonde. A referência continua à inovação tecnológica (que, além disso, evoca atmosferas queiroxianas) é particularmente condensada no início do romance (no segundo capítulo), e é um contraponto a outros espaços:

A Avenida da República, nesse findar de tarde de julho, assistia ao desfile dos pretos a saírem do trabalho e a dirigirem-se à parte alta da cidade, para lá da faixa de “Circumvalação”, como ao tempo se grafava [...] após o trabalho, os pretos apressavam-se a sair da zona delimitada, dirigindo-se à zona das **palhotas** em crescendo e totalmente desurbanizada (Khosa, 2018, p. 106).

Aqui, pela primeira vez, depois de mencionar as zonas proibidas no “cimento”, a perspectiva se expande para além do centro, para além do anel

viário que atua como limite entre a cidade europeia e algo na periferia que não é realmente uma cidade, onde não há odônimos, as pessoas vão a pé, não há planejamento urbano. É um espaço etnicamente caracterizado como africano, mas, sem dúvida, estranho à tradição local, sendo um efeito colateral da colonização e urbanização de estilo europeu: o subúrbio pobre, espontâneo e caótico, que mais tarde seria chamado de “caniço”.

No entanto, ainda que apenas como projeto, a exclusão afeta não apenas os negros, mas também os asiáticos, que por enquanto vivem em um quarteirão na cidade baixa (Khosa, 2018, p. 201). A existência de tais projetos é explicitada nas seguintes citações de Khosa (2018, p. 115): “a cidade vai libertar-se da escumalha”, “Os indianos e chineses terão de se habituar às terras do sertão profundo”, “Não podemos conviver com essa gente”.

Deve-se notar que, como às vezes acontece, a narrativa heterodiegética é substituída por um diálogo denso de vozes anônimas, que, no entanto, só podem pertencer à comunidade branca. Esse é um exemplo do amplo repertório expressivo usado por Khosa, em que o personagem coletivo e anônimo chega a constituir um verdadeiro coro<sup>14</sup>.

Ainda nessa área da cidade, outro caso de manifestação cronotópica é dado por uma interseção espaçotemporal original. O código temporal utilizado é o da frequência (iterativo) e representa o

*field of reference becomes the prominent factor. The external field of reference may be of several types: historical, geographical, mythical, science-fictional, fantastic, etc.*” (Zoran, 1984, p. 330). Nesse caso específico, a tipologia é histórica e geográfica, um verdadeiro entrelaçamento espaçotemporal no qual o leitor é convidado a fazer conexões entre a relativa estabilidade do espaço descrito e a passagem do tempo, pouco mais de um século.

<sup>12</sup> A odonímia de Maputo, alterada consideravelmente após a independência (mas não na fase pós-socialista), é uma área que merece um estudo separado. Neste artigo, limitar-me-ei a apontar sua presença dentro da circunvalação e sua ausência fora dele (ver também a nota 13). Entre as ruas e praças mencionadas, estão: *presidio ou fortaleza, Praça 7 de Março, Av. Infante D. Henrique, Av. Miguel Bombarda, Av. Aguiar (depois D. Luís), edifício do Governo Geral, gabinete do Governador Azevedo e Silva mais a varanda dele, praia da Polana, Ponta Vermelha, Rua do Pecado (ou Araújo)*.

<sup>13</sup> O contraste entre duas áreas distintas da mesma cidade é assim explicado por Fernandes e Mendes (2012, p. 1362): “As urbes moçambicanas são frequentemente cidade duais, coexistindo numa mesma cidade duas realidades morfotopológicas claramente distintas, temporal e tecnicamente diferenciáveis, mas interdependentes e imbricadamente ligadas entre si. A cidade de **cimento** é a cidade herdada do poder, uma cidade para aqueles que dominavam e onde assentava a estrutura administrativa do território. Como o nome indica, uma cidade edificada em materiais nobres, perenes, e estruturada formalmente de forma planeada e, pelo menos pretensamente, mais racional. No entanto, fruto do crescimento econômico e da consequente demanda de mão-de-obra para o sector industrial que se instalava nas cidades moçambicanas, nasceram nas franjas dessas urbes outras cidades ou novas partes da mesma cidade, improvisadas pelas gentes provenientes do *hinterland* próximo e do interior mais longínquo, que trazem modos de vida próprios e ancestrais e os incorporam no espaço urbano. Esses novos espaços, bairros originalmente ‘espontâneos’ que pelas suas dimensões superam hoje a cidade formal de cimento num *continuum* urbano aparentemente caótico e improvisado, são construídos em materiais perecíveis, frequentemente recolhidos da natureza, como a madeira, o capim e o **caniço** que lhes dá o nome”. Os dois termos serão usados frequentemente no texto principal.

<sup>14</sup> Para uma definição dos conceitos, consulte Platas Tasende (2004, p. 628, item “personaje colectivo”; também, p. 629, item “personaje coral”).

momento do dia em que o caniço se manifesta, sonoramente, até mesmo na cidade europeia: a noite. Como já apontado por Noa (2019, p. 145-146), na literatura colonial há uma clara oposição – política e eticamente conotada<sup>15</sup> – entre o dia, domínio dos brancos, e a noite, domínio dos negros:

Era normal ouvir, para lá da zona da Circunvalação, o **ribombar dos tambores** e os cânticos evoluindo em ritmos assustadores para as almas brancas [...] [os] pretos [...] estavam condenados a dividirem-se entre a noite, seu domínio, sua zona de conforto, e o dia, zona de tranquilidade dos brancos [...] do poder (Khosa, 2018, p. 118-119).

É preciso dizer, na esteira das valiosas observações de Fernanda Gallo (2021, p. 117) sobre a representação multifacetada da opinião pública portuguesa sobre o caso do cativo de Gungunhana, que até mesmo o gélido e indiferente Azevedo e Silva, mais de vinte anos depois de sua estada em Moçambique, tem dúvidas sobre a colonização portuguesa, e não se trata apenas de dúvidas sobre o imenso esforço do empreendimento em si, mas também sobre a abordagem a ele:

Em cada centena de pretos assistindo ao culto cristão, mais da metade entra pela floresta adentro e pratica cultos pagãos. Estão enraizados na cultura que os liga mais à terra que aos céus. [...] Eles nunca se desligarão dos princípios que os nortearam por séculos sem memória. É preciso que tenhamos consciência disso. E a única forma de os termos próximos é dar-lhes educação, permitir que balancem os seus valores pelos nossos. Só assim os teremos mais próximos. Enterrar a cultura pagã é utopia (Khosa, 2018, p. 160-161).

Em suma, o defensor dos valores positivistas e republicanos, já aposentado após uma brilhante carreira como procurador, parece estar abandonando, pelo menos parcialmente, a perspectiva eurocêntrica, ou pelo menos equilibrando-a, demonstrando uma flexibilidade e uma abertura inesperadas. Além disso, ele ainda tem tempo para pensar no retorno das seis viúvas que ele

havia deliberadamente ignorado vinte anos antes:

Azevedo e Silva teve ainda tempo de pensar no destino das mulheres de Ngungunhane, perguntando-se [...] sobre quem as abrigaria [...]. Nos derradeiros meses da sua vida de reformado, o ex-procurador anotaria, com assumido dissabor no diário íntimo da sua rica memória, que a ida a Moçambique tivera, afinal, no seu destino, entre outros propósitos, o de assistir à invulgar chegada das mulheres que nunca deviam ter saído do seu próprio chão, da terra natal. E pouco ou nada fizera para acomodar e tranquilizar as inquietas almas, visivelmente **descoladas no tempo e no espaço**. E tudo por preconceitos e ideologias (Khosa, 2018, p. 163-164).

As almas inquietas são as relíquias de outro tempo e de uma civilização derrotada e obliterada que retornam para ocupar um espaço que não reconhecem, um espaço que o tempo – aliás, um curto lapso de tempo – transformou. Entretanto, a referência ao repensamento tardio de Azevedo e Silva não deve ser subestimada. Como em outros casos examinados mais adiante, uma atitude menos dedicada a um projeto de segregação rígida acaba implicitamente por referir-se à possibilidade de organização social alternativa. Trata-se, no entanto, de uma possibilidade que se manifesta demasiado tarde, quando o motor da história das últimas décadas já tinha marcado seu caminho e qualquer possibilidade de criar um uma camada intermédia mais permeável, multicultural e mesclada já não é viável.

## 2.2 Namatuco (e companheiras)

Das seis mulheres que retornam à terra que hoje se chama Moçambique, optei por analisar mais detalhadamente Namatuco, o que não quer dizer que, ocasionalmente, outras personagens não sejam também examinadas. A escolha, em todo caso, deve-se ao fato de que, entre as várias esposas, ela é a mais apegada às tradições nguni e, portanto, a mais resistente a qualquer tentativa de assimilação. Namatuco é uma verdadeira guardiã do patrimônio cultural de seu grupo étnico, como evidenciado pelo fato de que, embora

<sup>15</sup> As conotações emocionais e éticas da noite são efetivamente descritas nesta passagem: "a caminho das zonas permitidas aos indígenas, porque à **noite, negra e propensa ao mal**, não se admitia a circulação de indígenas dentro do perímetro da Circunvalação, excetuando o pequeno número de empregados em serviços inadiáveis" (Khosa, 2018, p. 121).

tenha vivido em São Tomé vários anos, sempre se recusou a comer peixe e frutos do mar, como prescreve a tradição: "Namatuco, pelo contrário, não se deixou enredar no encantador discurso culinário. Manteve-se fiel aos hábitos nguni" (Khosa, 2018, p. 130). No entanto, a oposição frontal a qualquer tipo de contaminação cultural não é a única razão para distingui-la. Namatuco é, com efeito, fortemente caracterizada pela posse de poderes mágicos, sendo dotada de uma espécie de hipersensibilidade telúrica por meio da qual ela pode vaticinar o futuro, o que a tornou a favorita do imperador nguni:

Ngungunhane adorava-a, mais na vertente premonitória que curativa, pois ela sabia, mais do que ninguém na corte, prever acontecimentos através dos sonhos e das estranhas sensações que a terra fazia chegar à planta dos pés [...]. Feita a consulta matinal em jejum e sem preparo no corpo [...] Namatuco [...] falava com a terra, estabelecia uma relação umbilical com o chão dos antepassados (Khosa, 2018, p. 130-131).

Além do fato de que as habilidades divinatórias do jejum são uma reminiscência de uma personagem feminina já paradigmática na literatura de língua portuguesa, vale acrescentar que essa habilidade está ligada à terra de origem e completamente obliterada, por exemplo, em Portugal<sup>16</sup>. Com efeito, as capacidades proféticas não estão ligadas a quaisquer terras, mas à terra dos ancestrais, pois são os espíritos que nela habitam que propiciam as capacidades divinatórias<sup>17</sup>.

Em última instância, Namatuco, por seus laços com sua terra natal e, conseqüentemente, com seus antepassados, configura-se no romance como uma sentinela tutora da tradição africana, passando, assim, a se contrapor, actancialmente, com a personagem de Azevedo e Silva.

Voltando ao tema das transposições espaciais, é preciso ressaltar que, até o momento do retorno a Moçambique, tais transposições, tanto

para Namatuco quanto para suas companheiras de infortúnio, foram uma necessidade dolorosa: são deportações que, como tais, representam objetivamente relações de poder estabelecidas e, nesse sentido, plenamente significativas. No entanto, se uma obra literária, além da representação da objetivação político-social, quiser transmitir uma mensagem ético-política, são as transposições voluntárias que, sobretudo, devem ser levadas em consideração, e é nisso que a parte final da análise se concentrará.

Considere-se que, em termos topográficos, quando as seis mulheres retornam, nem mesmo reconhecem sua terra, dadas as mudanças que ocorreram nos quinze anos de exílio, mudanças que são evidentes a começar pela denominação geográfica:

- Cheguem aqui, meninos – disse Namatuco.
- Há terra deste lado, mamã.
- Não desembarcamos por aí. Essa é a terra dos Tembe.
- Para onde vamos, afinal?
- À terra dos Zilhalha.
- Não é Moçambique?
- Moçambique? – interrogaram-se, com alguma incredulidade (Khosa, 2018, p. 98).

Do ponto de vista delas, a perplexidade é, efetivamente, mais do que legítima: o novo nome, que se sobrepõe às antigas denominações, é atribuído, por extensão, a partir de uma ilha desconhecida para elas, já que está localizada a mais de dois mil quilômetros de distância. A incerteza, no entanto, continua mesmo após o desembarque, quando, de pé sob uma árvore próxima à fortaleza, "não tinham a certeza se partiam daquele ponto ou de outro, mais abaixo na costa, quando Ngungunhane tinha finalmente deixado as terras do Sul do seu império" (Khosa, 2018, p. 109). A identificação da terra natal, com efeito, não se dará pelo reconhecimento visual, aliás, quase impossibilitado por um crescimento

<sup>16</sup> No entanto, entre Portugal e Moçambique, há um meio-termo onde suas habilidades se manifestam, ainda que parcialmente: São Tomé. Entretanto, nessa ilha, os talentos de Namatuco se limitam ao conhecimento de eventos passados que lhe não são relatados: "[...] em São Tomé, Namatuco começou a alegrar-se. Os sonhos começaram a povoar a sua mente sem a intensidade anterior, e com a particularidade de só ver o passado. O futuro estava-lhe vedado" (Khosa, 2018, p. 132).

<sup>17</sup> Ainda com relação às maneiras pelas quais as habilidades de Namatuco se manifestam, será útil mencionar esta passagem: "E quando chegaram à metrópole, Ngungunhane quis que ela continuasse com os dons premonitórios em dia: "- os meus pés não reconhecem esta terra, rei/- como ?/- a pouca areia que me chega aos pés é fria e sem voz. Não tem alma. /- ah!?... /- Sabe a cemitério sem nome" (Khosa, 2018, p. 132).

urbano indecifrável para Namatuco e companheiras, mas pelo contato epidérmico com a terra e, ainda por cima, somente uma vez deixado o centro da cidade:

- Chegamos à fronteira – disse Sibuko Simango.  
- Aqui termina o mundo dos brancos e começa o dos pretos.

- Estou sentindo – aquiesceu Namatuco.

E sentira, de facto, depois de quinze anos de exílio, a planta dos pés a ganhar vida e a transmitir a energia vital, a regressar aos tempos primeiros da vida premonitória: "Estou a renascer, Phatina. Os espíritos da terra estão a acolher-nos. Voltamos à casa" (Khosa, 2018, p. 143).

O episódio estabelece, mais uma vez, uma relação cronotópica, pois o espaço topográfico (que é étnico ao mesmo tempo) estabelece uma relação com a tradição, ou seja, com a história nguni, uma história que a colonização está negando por meio da ocupação e da assimilação. É dessa história que Namatuco quer ser a defensora:

É – anuiu Namatuco – Somos o passado. Somos a memória negada. Ninguém vai acreditar na nossa verdade. Esta terra está sendo construída sem o passado. Tudo o que é passado é coisa morta. Os Portugueses de hoje serão passado amanhã. Esta terra levará séculos a se encontrar porque vai negar sempre o seu passado<sup>18</sup> (Khosa, 2018, p. 146-147).

Essa é uma passagem crucial na narrativa, pois, como aponta Madureira (2019, p. 151), para Ba Ka Khosa, o problema fundamental em Moçambique é justamente a negação do passado, nesse caso, o repúdio a uma abordagem cognitiva ligada à tradição étnica africana.

É nesse momento que, livre do determinismo que as circunstâncias históricas sempre lhe impuseram, Namatuco escolhe deliberadamente seu destino e sua missão: Irei habitar em Chaimite, terra de repouso dos nossos ancestrais [...] cuidarei da terra sagrada do Soshangane Nhumayo, fundador do império de Gaza [...] meu destino é desafiar o fio da vida (Khosa, 2018, p. 181).

Uma das peculiaridades de *As mulheres do imperador* é sua publicação não separada. Em

uma solução editorial original, o romance é publicado em conjunto com a obra que colocou o escritor, com apenas trinta anos de idade, no cenário literário nacional e depois internacional, *Ualalapi* (1987). O volume, chamado coletivamente de *Gungunhana, une Ualalapi e As mulheres do imperador*, dois romances publicados com trinta anos de diferença entre eles, destacando as relações macrotextuais e sugerindo a ideia de uma integração orgânica entre as duas obras – além de oferecer ao leitor a possibilidade de reler e, até certo ponto, reinterpretar (ou possivelmente ler pela primeira vez) um romance tão significativo no panorama da literatura moçambicana.

*Ualalapi* é geralmente interpretado como uma crítica à figura de Gungunhana e, conseqüentemente, como uma crítica ao discurso histórico fundador de Moçambique como uma nação independente. Nas intenções da Frelimo, e de Samora Machel em particular, o elogio de uma figura histórica africana que foi vítima do colonialismo português deveria substituir o discurso histórico português (ou seja, salazarista) baseado na retórica da expansão colonial (Brugioni; Gallo, 2019, p. 74; Can, 2020, p. 68; Gallo, 2021, p. 115-116; Madureira, 2019, p. 157, 150-160).

Constituindo-se como um macrotexto em um único volume, *Ualalapi e As mulheres do imperador* exibem, com tal contigüidade, uma homologia bastante clara que também é reconhecível nos dois prólogos finais que servem de epílogo para ambos os romances. Em várias ocasiões (por exemplo, em Brugioni; Gallo, 2019, p. 76-78), foi apontado como a invectiva final de Gungunhana em *Ualalapi* constitui um dos momentos cruciais da mensagem do romance. O mesmo pode ser dito sobre a profecia final de Namatuco em *As mulheres do imperador*. Nela, prevendo o futuro de seus companheiros, Namatuco delineia seu destino e o de seus descendentes:

Malhalha [...] o teu futuro está traçado. Irás viver em Xai-Xai, e [...] conviverás com os brancos que cuidarão do teu filho [...] e terás netos e bisnetos que se tornarão régulos até à triunfal entrada de outros mandantes que sem pejo chamarão

<sup>18</sup> O monólogo termina com repetições que não menciono no texto principal: "[Malhalha] Eu quero estar no presente/ [Namatuco] um presente que não é o teu" (Khosa, 2018, p. 147).

aos teus herdeiros de colaboradores do regime caído, de inimigos de um tempo que se quererá novo, de novo (Khosa, 2018, p. 178-179).

Tu, Phatina [...] teu filho [...] espera-te em terras de Gaza [...] [ele, Tulimahanche] assumiu a vida política, tornando-se num ativo opositor à presença portuguesa em território outrora do pai imperador [...] na senda do pai, será um dos chefes dos grupos de exilados (Khosa, 2018, p. 180).

Particularmente relevante, do ponto de vista das transposições, foi o contraste entre Malhalha e Phatina. Retornando à África, e tendo que decidir sobre suas próprias vidas, dessa vez sem coerção, elas fazem escolhas que são, de certa forma, condicionadas pelas biografias de seus filhos. No caso de Malhalha, mãe de um filho assimilado à cultura portuguesa pelo pai – um angolano que emigrou para São Tomé ainda criança –, a transposição para o campo do vencedor parece ser a escolha mais oportuna, determinando o destino dos descendentes, para melhor – enquanto durar a era colonial – e para pior – no final dela.

De sinal oposto é a escolha de Phatina, que, depois de quinze anos, só deseja se reunir com o filho que ficou na África – e não em qualquer lugar, mas no coração do império nguni. Aqui, também, a escolha do campo marca o destino dos descendentes, até a transposição forçada de outro exílio. Como Gallo corretamente aponta, a celebração das grandes figuras históricas é substituída pelo protagonismo de personagens mais marginais que finalmente são livres:

O que nos importa discutir é o modo pelo qual, no decorrer do romance, a figura autoritária de Ngungunhane, elevado à condição de herói que lutou contra os portugueses, vai sendo subvertida por cada uma das viúvas ao escolherem seus próprios destinos (2021, p. 118).

Para concluir, também vale a pena mencionar um personagem representativo em termos de transposições espaciais: Sibuko Simango<sup>19</sup>. O almoxarife de António Manuel Passos Antunes é o homem que resgata mulheres abandonadas debaixo de uma árvore perto da Ponta Vermelha e as aloja em sua casa no caniço – palavra que,

aliás, aparece pela primeira vez associada a esse personagem.

Sibuko Simango pertence à categoria de pessoas que, por conveniência, como muitas outras, ocupam a zona de transição étnico-social. Por razões de serviço, ele tem permissão para ir morar no centro, mas mantém uma casa no subúrbio, que é aquela em que abrigará as viúvas:

No centro de um quintal de caniço estava a casa principal de um só cômodo, do Sibuko Simango. Nos cantos traseiros erguiam-se, à direita, uma palhota cônica a servir de cozinha, e, à esquerda, e sem teto, um entrançado de caniço servido de latrina e serviço de banho. Era um terreno de médias dimensões, delimitado pelos usuários e sem o aval da Câmara Municipal que não chegava à zona dos pretos [...]. As casas [...] iam-se erguendo à medida que a cidade se tornava um chamariz para os que fugiam do chibalo e do imposto de palhota. Nasciam os subúrbios da cidade de Maputo, com a sua carga de miséria e alienação (Khosa, 2018, p. 164).

O que está sendo descrito é um espaço etnicamente africano, mas não historicamente africano, um resultado da cidade moderna concebida por e para brancos que, no entanto, acaba tendo sua própria identidade e configuração. É precisamente a descrição desse espaço ocupado e constituído por Sibuko Simango, e muitos como ele, que será o laboratório de ideias e práticas políticas de um tempo futuro.

### 3 Considerações finais

Embora seja um romance bastante curto, *As mulheres do imperador* apresenta um repertório modal particularmente rico e variado. No que diz respeito ao código temporal, pode-se listar uma série de longas analepses distribuídas em uma variedade considerável de espaços, africanos e europeus, contrapostos por uma narrativa primária praticamente "aristotélica", uma vez que se passa quase inteiramente em um dia (31 de julho de 1911), enquanto o dia seguinte, correspondente ao nono e último capítulo, corresponde a um epílogo dominado por uma longa prolepse.

<sup>19</sup> Diga-se, de passagem, que o sobrenome é um dos signos que permite estabelecer uma ligação entre passado e presente (ou passado recente), pois evoca o conhecido líder da FRELIMO, depois do PCN e, finalmente, do MML, que morreu em local e data indefinidos entre 1977 e 1979 (Pimenta, 2021, p. 158, 168).

Essa prolepse é notável tanto por sua presença – que não é de forma alguma um dado adquirido no romance moderno – quanto por sua posição estratégica.

A essa estrutura temporal articulada e harmoniosa, organizada em torno do fatídico dia do retorno das seis mulheres a Moçambique, acrescenta-se uma narração quase exclusivamente heterodiegética, em relação à qual, no entanto, alterna-se, raramente mas expressivamente, a presença de uma voz coral. A ausência de narração intradiegética, no entanto, é compensada por um foco interno variável em vários personagens, que diferem em classe social, etnia e gênero sexual. A multiplicidade de personagens mencionada anteriormente resulta em uma extensão topográfica considerável, uma característica que, além disso, as narrativas pós-coloniais e coloniais compartilham.

Desses espaços, entretanto, foi analisado um bastante circunscrito que emerge na narrativa primária e no qual são analisados certos personagens, seu campo de visão (Zoran, 1984, p. 325-327) e suas transposições, forçadas ou deliberadas, de espaços culturais claramente distintos. No caso dessas transposições, foi feita uma tentativa de destacar a diferença entre escolhas de campo decididamente radicais determinadas por uma atitude ideológica inflexível e, com elas, a constituição de um mundo fechado, ou seja, um limite bloqueado em relação ao outro. Em alguns casos, por outro lado, há uma tentativa de adaptação às novas circunstâncias e, portanto, de estabelecer uma fronteira decididamente mais permeável. Esses são, efetivamente, personagens secundários, cujo campo de visão é mal representado ou não é representado de forma alguma e sobre os quais o autor, por meio do ponto de vista de Namatuco, não parece expressar um julgamento particularmente positivo. Nesse sentido, é interessante observar como, nas tentativas de transposição (induzidas – em sua maioria – ou deliberadas), fica evidente a constituição de um espaço de interação indefinido, sutil e fraco, geralmente fadado ao fracasso.

Por fim, a colonização e a introdução de um

sistema econômico desconhecido na região, juntamente com a cidade, criam um espaço africano até então inédito, aquele mesmo em que vive Sibuko Simango e no qual Namatuco recupera suas faculdades: o caniço. Esses são os subúrbios que o autor define como carregados de miséria e alienação (veja anteriormente) e que, no entanto, serão o laboratório da revolta anticolonial.

Como se trata de um romance histórico e, portanto, de um gênero que estabelece constitutivamente uma relação entre o passado e o presente, a representação dos espaços não pode deixar de ativar o conhecimento enciclopédico do leitor atual, que é levado a comparar o espaço do passado com o do presente, criando quase automaticamente uma relação cronotópica. Em um nível pragmatográfico, pode-se mencionar novamente o caniço e o palácio da Ponta Vermelha. Em nível topográfico, qualquer consideração minha não valeria as palavras do autor:

Esse vasto império Ingunil, que perdurara por longos setenta e cinco anos, morrera definitivamente. E nascia, de facto, um Moçambique a manter-se por largos oitenta anos. Outros moçambiques evoluiriam no território talhado a régua e esquadro (Khosha, 2018, p. 183).

A explicitação do romance e sua referência à pluralidade de “moçambiques” ao longo do tempo me parecem uma boa maneira de concluir e, ao mesmo tempo, deixar a questão em aberto. Se o território desenhado com régua e esquadro no final do século XIX permanecerá inalterado ao longo do tempo, a história dirá.

## Referências

ALVES, Ricardo Luiz Pedrosa; BRAUN, Ana Beatriz Matte. Lourenço Marques em O Olho de Hertzog e As Mulheres do Imperador. *Portuguese Cultural Studies*, Utrecht (NL), v. 7, n. 2, p. 54-69, 2021. Disponível em : <https://doi.org/10.7275/fsvn-fj83>. Acesso em: 13 set. 2025.

BAKHTIN, Mikhail. Le forme del tempo e del cronotopo nel romanzo. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estetica e Romanzo*. Torino: Einaudi, 1979. Originalmente publicado em 1937/1938.

BRUGIONI, Elena. *Literaturas africanas comparadas: paradigmas críticos e representações em contraponto*. Campinas: Unicamp, 2019.

BRUGIONI, Elena; GALLO, Fernanda. Estéticas da memória e do futuro em João Paulo Borges Coelho e Ungulani Ba Ka Khosa. *e-Cadernos CES*, Coimbra, n. 32, p. 64-80, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/eces.4823>. Acesso em: 13 set. 2015.

CAN, Nazir Ahmed. *O campo literário moçambicano*. Tradução de espaço e formas de insílio. São Paulo: Kapulana, 2020.

FERNANDES, Mário G.; MENDES, Rui. Dicotomias' urbanas em Moçambique: cidades de cimento e de caniço. In: SAMPAYO, Mafalda T.; ANDRÉ, Paula; MARAT-MENDES, Teresa. *Morfologia Urbana nos Países Lusófonos: atas da Conferência Internacional PNUM 2012*. Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa, 2012. p. 1362-1379.

GALLO, Fernanda. E quando o Escritor é historiador? Crítica ao "herói" moçambicano em João Paulo Borges Coelho e Ungulani Ba Ka Khosa. *História e Historiografia*, Ouro Preto, v. 14, n. 36, p. 105-132, 2021. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1655>. Acesso em: 12 de setembro de 2025.

GALLO, Fernanda. Literatura, Memória e Narrativa Histórica em Moçambique. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 31, p. 249-266, 2017.

JUVAN, Marko. From Spatial Turn to GIS-Mapping of Literary Cultures. *European Review*, Cambridge (GB), n. 23, v. 1, p. 81-96, 2015. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/276307196\\_From\\_Spatial\\_Turn\\_to\\_GIS-Mapping\\_of\\_Literary\\_Cultures](https://www.researchgate.net/publication/276307196_From_Spatial_Turn_to_GIS-Mapping_of_Literary_Cultures). Acesso em: 12 set. 2025.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Gungunhana: Ualalapi/As mulheres do Imperador*. Porto: Porto Editora, 2018.

LOTMAN, Juri; USPENSKIJ, Boris. *Tipologia della cultura*. Milano: Bompiani, 1975.

LOTMAN, Juri. *La struttura del testo poetico*. Milano: Mursia, 1972.

MADUREIRA, Luís. Chronicles from the Vulture Kingdom: The Postcolonial State in Question in Ungulani Ba Ka Khosa's Historical Fiction. *Research in African Literatures*, Bloomington (USA), v. 50, n. 1, p. 151-172, 2019.

MEISTER, Jan Christoph. Narratology. In: HÜHN *et al.* (ed.). *Handbook of narratology*. Berlin: De Gruyter Inc., 2009. p. 329-350.

NOA, Francisco. *Império, mito e miopia*. Moçambique como invenção literária. São Paulo: Kapulana, 2019.

PERKOWSKA, Magdalena. *Historias híbridas: La nueva novela histórica latinoamericana (1985-2000) ante las teorías posmodernas de la Historia*. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt: Vervuert, 2008.

PIMENTA, Fernando Tavares. A Revolução de 25 de Abril de 1974 em Moçambique. In: POLÓNIA, Amélia *et al.* *Não nos deixemos petrificar: reflexões no centenário do nascimento de Victor de Sá*. Porto: FLUL/CITCEM, 2021. p. 149-174.

PLATAS TASENDE, Ana Maria. *Diccionario de términos literarios*. Madrid: Espasa-Calpe, 2004.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Almedina, 1998.

RYAN, Marie-Laure. Space. In: HÜHN *et al.* (ed.). *Handbook of narratology*. Berlin: De Gruyter Inc., 2009. p. 420-433.

ZORAN, Gabriel. Towards a Theory of Space in Narrative. *Poetics Today*, Durham (USA), v. 5, n. 2, p. 309-335, 1984.

---

## Mauro Cavaliere

Professor Associado de Língua e Tradução Portuguesa e Brasileira na Universidade Roma Tre desde 2024. Anteriormente, ele foi professor associado de literatura em língua portuguesa na Universidade de Estocolmo (2003-2023). Sua pesquisa nos últimos vinte anos tem se concentrado nos seguintes tópicos: romance histórico em língua portuguesa (romântico e pós-moderno), autoficção, romance histórico do passado recente (século XIX e contemporâneo), literatura comparada (principalmente de língua portuguesa e espanhola), teoria do personagem.

---

## Endereço para correspondência

### MAURO CAVALIERE

Via Valco di San Paolo 19

00146 Roma

Itália

[mauro.cavaliere@uniroma3.it](mailto:mauro.cavaliere@uniroma3.it)

*Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*